

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE**

**CAMILA SILVA SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DO ADOLESCENTE NAS INSTITUIÇÕES QUE  
ACOLHEM AS FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE CONFLITOS**

Belo Horizonte  
2024

CAMILA SILVA SOUZA

**A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DO ADOLESCENTE NAS INSTITUIÇÕES QUE  
ACOLHEM AS FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE CONFLITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção de título de Especialista em Saúde do Adolescente.

Orientadora: Patrícia Regina Guimarães

Coorientadora: Andréa Chicri Torga Matiassi

Belo Horizonte  
2024

S0729i Souza, Camila Silva.  
A importância da escuta do adolescente nas instituições que acolhem as famílias em situação de conflitos [recurso eletrônico]. / Camila Silva Souza. -- Belo Horizonte: 2024.

23f.

Formato: PDF.

Requisitos do Sistema: Adobe Digital Editions.

Orientador (a): Patrícia Regina Guimarães.

Coorientador (a): Andréa Chicri Torga Matiassi.

Área de concentração: Saúde do Adolescente.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Adolescente. 2. Esforço de Escuta. 3. Conflito Familiar. 4. Proteção da Criança. 5. Dissertações Acadêmicas. I. Guimarães, Patrícia Regina. II. Matiassi, Andréa Chicri Torga. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WS 462.5.F2

Bibliotecário responsável: Fabian Rodrigo dos Santos CRB-6/2697



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE MEDICINA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE  
ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA / TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA CAMILA SILVA SOUZA

Realizou-se, no dia 30 de abril de 2024, às 11:00 horas, através de videoconferência pela Plataforma Google Meet, hospedada no link: <https://meet.google.com/gzy-svzd-aji>, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada "A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DO ADOLESCENTE NAS INSTITUIÇÕES QUE ACOLHEM AS FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE CONFLITOS", apresentada por CAMILA SILVA SOUZA, número de registro 2020671780, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em SAÚDE DO ADOLESCENTE, à seguinte Comissão Examinadora: Prof.ª Patrícia Regina Guimaraes - Orientadora (HC UFMG), Andréa Chicri Torga Matiassi (UFMG), Maira Cristina Soares Freitas (UFMG)..

A Comissão considerou a monografia APROVADA.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 30 de abril de 2024.



Documento assinado eletronicamente por Maira Cristina Soares Freitas, Usuário Externo, em 29/05/2024, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Patricia Regina Guimaraes, Médica, em 29/05/2024, às 19:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Andréa Chicri Torga Matiassi, Usuário Externo, em 30/05/2024, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3273691 e o código CRC B87DFCE7.

Este documento deve ser editado apenas pelo Orientador e deve ser assinado eletronicamente por todos os membros da banca.

## RESUMO

Esse estudo tem o objetivo de apontar a diferença da escuta do singular do adolescente pelo Conselho Tutelar e o que o próprio adolescente expressa com relação aos motivos que o levaram a apresentar comportamentos de risco. A pesquisa será guiada pelos seguintes questionamentos: como o adolescente tem sido escutado nesses dispositivos, a fim de aprofundar nesse acompanhamento familiar e nas medidas protetivas apontadas como saída nesses dispositivos? Existe diferença entre o que tem se escutado dos conflitos pelos dispositivos e o que o adolescente traz como saída para os conflitos? Para pensar esses questionamentos foram analisados fragmentos das falas dos adolescentes participantes da pesquisa Direitos de Crianças e Adolescentes: Diagnóstico no município de Belo Horizonte à luz da teoria psicanalítica. A partir desse estudo, constatou-se que há diferença na escuta dos adolescentes pelos dispositivos que acolhem as famílias em conflitos familiares. Com isso, identificou-se a necessidade de mais estudos para verificar quais aspectos tem dificultado a realização dessa escuta, bem como a importância da promoção pelo poder público de instrumentos de aprimoramento dessa escuta por esses dispositivos, tendo em vista que a escuta é imprescindível para a possibilidade do adolescente encontrar outras soluções que não coloque sua vida em risco.

Palavras-chave: escuta; adolescente.

## ABSTRACT

This study aims to point out the difference between the Guardianship Council's listening to the adolescent's singularity and what the adolescent himself expresses in relation to the reasons that led him to present risky behaviors. The research will be guided by the following questions: how has the teenager been listened to in these devices, in order to deepen this family monitoring and the protective measures identified as a solution in these devices? Is there a difference between what has been heard about conflicts through devices and what the teenager brings as a way out of conflicts? To think about these questions, fragments of the speeches of adolescents participating in the research Rights of Children and Adolescents: Diagnosis in the city of Belo Horizonte were analyzed in the light of psychoanalytic theory. From this study, it was found that there is a difference in the way adolescents listen to the devices that support families in family conflicts. With this, the need for further studies was identified to verify which aspects have made this listening difficult, as well as the importance of promoting by public authorities instruments for improving this listening through these devices, bearing in mind that listening is essential for the possibility of teenagers finding other solutions that do not put their lives at risk

Keywords: listening; adolescent.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CF/88 - Constituição Federal de 1988

CREAS - Centro de Referência Especializado da Assistência Social

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

PAEFI - Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

PSEMC - Proteção Social Especial de Média Complexidade

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. DESENVOLVIMENTO .....	12
2.1 Adolescência .....	12
2.2 Família .....	13
2.3 Soluções às relações familiares e a garantia de proteção.....	15
3. CONCLUSÃO .....	19
Referências Bibliográficas .....	21

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido a partir das experiências vivenciadas durante o percurso da autora desse estudo na Especialização em Saúde do Adolescente, na qual foi possível presenciar as angústias dos adolescentes na relação com o Outro<sup>1</sup>, especialmente quando esse Outro é um familiar ou alguém de referência para esses adolescentes.

O interesse em aprofundar os conhecimentos no campo da adolescência, através da Especialização em Saúde do Adolescente, aconteceu quando a autora desse estudo iniciou sua prática como psicóloga no Serviço de Medidas Socioeducativas no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), momento no qual surgiram questionamentos de como trabalhar com o singular dos adolescentes pensando nas potencialidades e não apenas na sua responsabilização.

Posteriormente, esses questionamentos começaram a surgir também durante a prática no Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI) no CREAS da cidade de Belo Horizonte. Nesse serviço foi preciso repensar e inventar formas de acompanhar os adolescentes e suas famílias, considerando o singular do adolescente e as soluções apontadas por eles.

O CREAS é um equipamento público que tem como objetivo ofertar a Proteção Social Especial de Média Complexidade (PSEMC) e está previsto no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Nesse equipamento são executados diversos serviços, dentre eles está o PAEFI, serviço no qual presta-se apoio e orientações às famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco social ou violação de direitos no intuito de contribuir para a superação de tais violações por meio da promoção de direitos e da preservação e fortalecimento das relações familiares e comunitárias (Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, 2014).

Nesse serviço alguns acompanhamentos de adolescentes e suas famílias se iniciam por meio da aplicação da medida protetiva de inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família, da criança e do adolescente, conforme prevê a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, pelo Conselho Tutelar, com a identificação de violações de direitos relacionadas à negligência e/ou violências vivenciada pelos adolescentes.

Durante o acompanhamento familiar nesse serviço percebemos que algumas das situações que são reconhecidas pelos conselheiros tutelares como violência psicológica e negligência dos pais ou responsáveis para com os adolescentes, os adolescentes produzem saídas consideradas arriscadas para suas vidas, como por exemplo: a saída da casa dos

---

<sup>1</sup> Outro é um termo usado pela Psicanálise e será melhor esclarecido no item Família desse trabalho.

responsáveis, atos violentos direcionados aos familiares e a eles mesmos, uso de substâncias, entre outros. À medida que o acompanhamento familiar é aprofundado percebe-se que, em algumas dessas situações, há como pano de fundo, além das violações, os conflitos familiares. Assim, é importante perguntar: como o adolescente tem sido escutado nesses dispositivos, a fim de aprofundar nesse acompanhamento familiar e nas medidas protetivas apontadas como saída nesses dispositivos? Existe diferença entre o que tem se escutado dos conflitos pelos dispositivos e o que o adolescente traz como saída para os conflitos?

Um exemplo para ilustrar uma possível diferença na escuta do adolescente pelos dispositivos é o caso de Maria uma adolescente de 16 anos que havia fugido de casa e tinha ido para outro município ficar na casa do namorado. Um breve relato sobre o caso: Maria e sua família começam a ser acompanhados pelo PAEFI após a aplicação de medida protetiva pelo Conselho Tutelar à adolescente pelos motivos, identificados pelo órgão, de agressão física e negligência sofridos por Maria. Em seu relato o avô a agrediu. O atendimento no Conselho Tutelar acontece após a fuga da adolescente para a casa do namorado em outro município. Nos atendimentos do PAEFI à Maria ela disse que a agressão por parte do avô foi um incidente, que sem querer ele a acertou no rosto com a mão, mas que a relação com a avó é difícil por ela não aceitar seu namoro e, por isso, fugiu para a casa do namorado. Além disso, não costumava sair de casa porque a avó não deixava. Segundo relatos presentes no relatório do Conselho Tutelar, Maria já havia fugido outras duas vezes e dizia que não era feliz, pois “não a deixavam sair para nada, só por ser mulher, já o irmão podia tudo”. Durante o acompanhamento no serviço Maria, segundo a avó, não podia comparecer sozinha à regional. Nos poucos momentos permitidos pela avó que Maria fosse a algum lugar era na companhia do irmão, alguns anos mais velho que ela. Maria mantinha contatos esporádicos com os pais, que moram cada um em uma cidade, são separados. O contato com a mãe era feito escondido, pois a avó tinha ciúmes. A avó de Maria conta ter assumido a guarda da neta desde que ela tinha cinco meses, pois a mãe não tinha condições de cuidar dos filhos. Durante o acompanhamento Maria começou no trabalho protegido e já havia começado a se relacionar com outra pessoa, dessa vez com a aprovação da família e assim, após alguns meses, ela se mudou para outro município para morar com o namorado.

Nesse caso, inicialmente o Conselho Tutelar de Belo Horizonte de plantão faz uma primeira escuta dessa adolescente, assim que ela retorna do outro município, e eles identificam uma possível agressão do avô à adolescente e então a encaminha para o acompanhamento do PAEFI com as descrições de violência e negligência. Mas, quando no relato da adolescente o que a faz fugir de casa é a sua relação com a avó, que a proíbe de sair e de se relacionar. Durante

o acompanhamento dessa adolescente essa avó se apresenta como alguém que controla e limita as vivências e experiências da neta, assim como a possibilidade de invenção enquanto sujeito singular. A violência do avô não aparece nos atendimentos, o que não quer dizer que a violência não tenha ocorrido. Contudo, o que a adolescente aponta é o conflito com a avó como razão para tentar romper com o vínculo familiar – uma conduta de risco; e a medida protetiva em detrimento à agressão do avô, que a adolescente não localiza como uma questão. Como pensar nas duas situações a partir do acolhimento e acompanhamento dessa adolescente pelo dispositivo?

Importante dizer aqui que embora o conceito de dispositivo tenha sido pensado inicialmente pelos filósofos, esse termo passou a ser muito utilizado pelos psicanalistas para dizer do processo analítico. Nesse estudo propomos uma interlocução do acompanhamento familiar com este conceito. Desse modo, podemos entender dispositivo, segundo uma noção filosófica, enquanto diferentes elementos que se entrecruzam em um campo de forças múltiplas e que estão sujeitos a mudanças, como o ambiente, o tempo do acompanhamento, intervenções. Além disso, o dispositivo é também entendido como um jogo de poder que levará ao sujeito realizar mudanças no seu discurso que culminará na produção do saber no lugar da verdade e na queda da fantasia na economia do desejo do sujeito. Mas, acima de tudo, diferente da noção de dispositivo estabelecida pela filosofia, a psicanálise propõe um dispositivo que tem como finalidade última a liberdade do sujeito (Checchia, 2010, p. 98-99).

A fim de poder escutar mais os adolescentes sobre suas relações familiares, além do trabalho no CREAS através do acompanhamento às famílias e indivíduos em situações de riscos pessoais e sociais por violações de direitos, participei da pesquisa Direitos de Crianças e Adolescentes: Diagnóstico no município de Belo Horizonte na qual o Programa de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Janela da Escuta está inserido enquanto Projeto de Pesquisa: Janela da Escuta e a adolescência: a tessitura de uma rede de cuidado no Estado de Minas Gerais - adolescentes e redes de saúde na perspectiva dos jovens. Apoio: FAPEMIG - APQ 00762-22. A proposta desse grupo é de fortalecer o controle social das políticas de atendimento aos direitos das crianças e dos adolescentes de modo a potencializar a atuação dessas políticas e de outros atores através da atualização e complementação do diagnóstico e dos instrumentos elaborados anteriormente e assim colaborar para o planejamento das ações, elaboração de indicadores para monitoramento, e a avaliação das ações executadas pelo poder público e/ou por organizações da sociedade civil, bem como a sistematização e compartilhamento de interfaces e experiências. Nessa pesquisa vários grupos com adolescentes

foram realizados para poder escutá-los com relação ao acesso aos seus direitos, dentre eles o de convivência familiar e comunitária.

Assim, esse estudo tem o objetivo de apontar a diferença entre a escuta do singular do adolescente pelos dispositivos que acolhem os adolescentes e suas famílias e o que é possível encontrar nos grupos inventivos com relação aos motivos que fazem com que o adolescente produza saídas que coloque sua vida em risco. Para isso, serão utilizados os recortes das falas dos adolescentes dos grupos inventivos realizados no Projeto de Pesquisa: Janela da Escuta e a adolescência: a tessitura de uma rede de cuidado no Estado de Minas Gerais - adolescentes e redes de saúde na perspectiva dos jovens. Apoio: FAPEMIG - APQ 00762-22 e referências bibliográficas de abordagem psicanalítica. Esse objetivo visa possibilitar uma maior clareza desses conflitos e a identificação das situações que realmente exigirão ou não a aplicação de medidas protetivas, considerando as soluções dos adolescentes diante dos conflitos familiares, já que alguns adolescentes localizam que se colocam em situações de risco por não terem seus desejos atendidos ou respeitados por seus pais ou os representantes desses.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Adolescência

A lei e as organizações tentam circunscrever o período no qual pode-se nomear um sujeito como adolescente. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, delimita como adolescentes os sujeitos que se encontram na faixa etária entre doze e dezoito anos. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera como adolescentes os sujeitos que possuem entre 10 a 19 anos. Contudo, para a psicanálise a adolescência não é definida apenas pela faixa etária na qual o sujeito se encontra, ela é entendida mais como um processo complexo vivenciado por cada sujeito de forma singular.

De acordo com Stevens (1998), a adolescência não foi um conceito criado pela psicanálise. A adolescência, enquanto uma fase existente na vida do sujeito, surgiu recentemente, no início do século, e foi pensada por várias áreas do conhecimento como a sociologia, biologia e a psicologia.

Também houve um processo histórico durante o qual começou-se a diferenciar a adolescência, a infância e a juventude. A revolução industrial como apontado por Capanema passa a ter um papel importante nessa diferenciação. Segundo Capanema (2009, p.14), com o advento da revolução industrial no século XIX os adolescentes passam a ser utilizados como mão-de-obra nas manufaturas e minas de carvão de forma abusiva e indiscriminada. Diante desse contexto, de forma contraditória, surge a preocupação em protegê-los por meio de leis que delimitavam as horas de trabalho e as condições de trabalho para que pudessem se manter saudáveis. Assim, foi se delineando nesses processos qual seria o período da infância, da adolescência e da juventude.

Freud (1989d, p. 1960) aborda esse período do desenvolvimento humano como puberdade e aponta ser nesse momento que mudanças significativas ocorrem na vida sexual infantil no sentido de resultar em uma configuração mais definitiva. Nesse período o púbere seguirá “a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades” (Freud, 1989d, p. 1960) durante o qual precisará ocupar-se com as pulsões direcionadas para a zona genital e o encontro com o objeto.

Nesse sentido, a adolescência será aquele momento no qual a escolha de objeto e as escolhas de posição quanto a sexuação são reatualizadas, pois ainda na infância estas seriam vislumbradas, mas não definitivamente. Mas, na vida adulta ainda é possível que estas escolhas sejam revistas (Stevens, 1998).

Geralmente a puberdade é tratada por vários estudiosos como relacionada as mudanças corporais e ao surgimento dos caracteres secundários nos corpos dos sujeitos. Mas, para Stevens

(1998) a puberdade não se restringe as mudanças hormonais e de desenvolvimento caracteres secundários no real da imagem do corpo, mas é antes de mais nada um órgão marcado pelo discurso, um órgão de gozo. Há uma eclosão de algo totalmente novo para o qual o sujeito não tem palavras para expressar e a sua fantasia falha para dar conta disso que eclode. Esse novo é o “reaparecimento para o sujeito da sua falha de saber no real”.

A adolescência, como colocado por esse mesmo autor, aparece como um sintoma da puberdade a uma resposta sintomática a não-relação sexual. No real há um não saber a priori do que fazer com o sexo, falta um saber do que complementa os sexos. “É um arranjo com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o mundo e sua relação com o gozo, no lugar, portanto, da relação sexual (Stevens, 1998).” E assim, o sujeito precisará inventar sua própria resposta frente a essa não-relação sexual as quais podem ser diversas.

Com o declínio do Nome-do-Pai, a partir das mudanças históricas e culturais que ocorreram no século XX, a adolescência passou a ter um trabalho muito mais árduo de encontrar um saber frente a não-relação sexual, pois suas referências já não possuem um saber que possam lhe transmitir (Alberti, 2010, p.8). Não há mais a família edípica descrita por Freud que teria como função o ordenamento do gozo, fazendo a articulação entre a sexualidade e o gozo (Barroso, 2017, pag. 5). E como apontado por Lacan na “Nota sobre o pai” (1968) citado por Barroso (2017, pag. 5), estamos diante da “evaporação do pai” e de suas consequências, desse modo, não há mais alguém que transmitirá a lei para o adolescente, com isso, ele encontrará a seu modo o que ou quem fará esse papel de transmitir essa lei paterna.

Assim, a adolescência é um período no qual mudanças complexas estão acontecendo subjetivamente para o adolescente e dentre elas, uma das mais importantes, será a separação dos pais ou de quem representá-los. Embora o adolescente não acredite mais que suas referências possam lhe transmitir um saber, ainda há um ponto no qual é importante o apoio das referências para que o adolescente possa ser servir quando necessário, mesmo que essa relação muitas vezes aconteça de forma conflituosa e ambígua.

## 2.2 Família

O Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006) aponta que no decorrer dos anos a família assume legalmente um importante papel na socialização e humanização das crianças e dos adolescentes, assim como é considerada um ambiente privilegiado e ideal para o desenvolvimento integral do sujeito.

A Constituição Brasileira de 1988 (CF/88) vai definir família como sendo a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. Já o ECA estabelece que a “família natural

é a comunidade formada pelos pais e qualquer deles e seus descendentes”, diferenciando da família extensa ou ampliada que seria parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.

Assim, a família pode ser compreendida não somente por aquela formada pelo núcleo dos pais e relacionada a consanguinidade, mas também envolve a família de maneira ampliada, considerando famílias formadas por vínculos de afinidades e afeto.

Para a Psicanálise o Outro apresenta, desde antes do nascimento do bebê, um importante papel para a entrada dele no campo simbólico. Como apontado por Capanema (2009, pag.68), é no estádio do espelho que acontece o reconhecimento do sujeito pelo Outro, quando ao mesmo tempo que a criança se olha no espelho e reconhece sua imagem, Outro servirá como sustentação desse reconhecimento.

A primeira e mais intensa relação da criança com o mundo se dá através do Outro que a tomará como objeto privilegiado e assim a criança será o produto de ambos – o Outro e dele mesmo (Alberti, 2009, p. 12-13).

Couto (2011, pag. 42-45) vai dizer que o Édipo será na psicanálise a principal referência à família no trabalho desenvolvido por Freud. E será a partir desse trabalho com o mito de Édipo que os elementos para analisar as relações entre a mãe, pai, criança e falo se desenvolverão. Como colocado por Lacan (1953) citado por Couto (2011, p.45), o Édipo será uma pré-história que constitui as relações familiares fundamentais.

Então, dessa forma, Couto (2011) apontará que

a família, portanto, como lugar de transmissão simbólica permite à criança, de seu lugar de objeto que poderia preencher a falta do Outro, produzir uma ficção que responda sobre seu lugar no mundo, marcando dessa forma sua relação com o saber (COUTO, 2011, p.39).

Os pais terão uma importante função na vida dos adolescentes. Apesar de contraditório, uma dessas funções será o de permitir que o adolescente realize a separação deles, mas de uma forma na qual o adolescente saiba que pode lançar mão ou não deles quando for necessário. Durante essa separação os pais precisarão suportar seu aniquilamento pelo filho para conseguir auxiliá-lo na tarefa, na medida do possível, na travessia do túnel (Alberti, 2009, p.10-11).

Essa separação se dará com relação aos pais imaginarizados e idealizados, mas só poderá ocorrer o processo de separação se acontecer também a incorporação do Outro, que será uma herança que os adolescentes levarão de seus pais (Alberti, 2009, p.14).

A convivência familiar e comunitária é defendida tanto nas leis brasileiras, como na Constituição Federal, e pelas políticas públicas, como na Política de Assistência Social, como direito assegurado as crianças e adolescentes. Quando as famílias vivenciam situações que

podem fragilizar os vínculos familiares, colocando o adolescente em algum contexto considerado de risco são tomadas algumas medidas pelos órgãos de garantia de direitos, principalmente o Conselho Tutelar, a fim de fornecer proteção ao adolescente, para que assim ele possa atravessar o túnel da adolescência de forma mais segura.

### 2.3 Soluções às relações familiares e a garantia de proteção

Nos grupos inventivos realizados no Projeto de Pesquisa: Janela da Escuta e a adolescência: a tessitura de uma rede de cuidado no Estado de Minas Gerais - adolescentes e redes de saúde na perspectiva dos jovens. Apoio: FAPEMIG - APQ 00762-22, percebemos que os adolescentes ao serem questionados sobre o direito de convivência familiar a maioria relatou a ocorrência de conflitos familiares ou a existência de uma relação difícil com seus pais ou com quem tem essa função. Um dos adolescentes, participante de um dos grupos inventivos realizado em uma escola de Belo Horizonte, relata, ao ser perguntado sobre a relação com a sua família: “Uma bosta! Briguei com minha mãe ontem, antes de ontem ela pediu para eu não ligar. Família é ruim. Não existe família. Família é o que você constrói na rua, não é de sangue. É o que você constrói na rua. Cortei o laço com minha família e não quero saber de família. Briguei com minha irmã. Eu quero ficar em BH então isolei de família”. A família desse adolescente, segundo seu relato, é uma família homofóbica, seus pais não aceitam seus relacionamentos e, por isso, tem revezado a moradia na casa da mãe e da tia.

Lacan (1975) citado por Couto (2011, p.109), vai dizer que o sintoma na criança responde ao que surge de sintomático na estrutura familiar e vai denunciar a verdade do par parental. Poderá ser também o representante da fantasia materna, um ponto da subjetividade dessa mãe. Couto (2011, p.111), ainda vai complementar ao dizer que a criança apresenta sintomas não pelo fato de existir uma desestrutura na família, mas o sintoma da criança responderá exatamente ao que falha na estrutura da família. O que a família transmitirá simbolicamente será a transmissão da falta, da falha. E diante disso, as famílias sempre produzirão sintomas por ser uma construção, uma invenção do sujeito para recobrir a falha.

Couto (2011. p.111-112) afirma que é possível diferenciar dois tipos de sintomas:

Na primeira vertente, a criança se oferece, ou oferece seu sintoma, às vezes seu próprio corpo, em resposta ao que há de sintomático na estrutura familiar. Na segunda vertente, o sintoma da criança é entendido na modalidade de uma resposta, por meio de um sintoma, ao real em jogo para todo sujeito. (COUTO, 2011, p.111-112)

Em outro grupo, realizado em um programa de extensão que trabalha com alunos do ensino fundamental e seus professores, um adolescente disse: “Não tenho contato com ninguém. Fico preso no meu quarto. Minha mãe fica nervosa e desconta tudo em mim. Joga tudo na minha cara”.

Uma adolescente de outro grupo, que está nesse momento em cumprimento de medida de internação em uma unidade socioeducativa, disse não querer voltar para casa, que brigou com a mãe por telefone novamente na última semana, que sempre é assim.

Nas falas dos adolescentes é muito comum encontrarmos a necessidade de se distanciar da família, mas de uma forma que seja possível estar perto, buscando nela um lugar de amparo. Como abordado por Cunha (et. al., 2015, p. 103), o adolescente procurará uma vida para além da família, pode ser pela busca de pares ou por um isolamento, ele se apropriará de uma linguagem nova e criará um estilo.

Também podemos observar nas falas deles um lugar de exílio como descrito por Lacadée (2010, p. 37-38), o adolescente se sentirá sozinho ao tentar lidar com as transformações quando precisará abandonar as pulsões parciais e se identificar aos ideais de seu sexo. O adolescente pensará que o que sente por ser incompreendido por ele também será pelo Outro e por isso, poderá sentir diferentes sentimentos, como angústia, desespero, tédio, vergonha, agressividade e solidão, diante do encontro com esse real.

Mas, nem sempre os adolescentes conseguirão manter esse equilíbrio entre o se distanciar da família e ainda poder recorrer a eles. As falas anteriores demonstram que há um mal-estar na relação com esses familiares, e para enfrentar esse mal-estar encontram soluções que não os colocam em situações que podem levá-los a riscos maiores para si. Contudo, alguns adolescentes adotarão soluções mais arriscadas para a própria vida diante do insuportável na relação familiar.

Essa situação pode ser observada na fala de um dos adolescentes no grupo inventivo realizado em uma rede de cursinhos populares de pré-vestibulares. O adolescente diz que sofria violência da mãe e, por isso, fugiu várias vezes de casa, mas não conseguia se manter financeiramente e voltava. Outro diz também ter sofrido violência da mãe e que isso o fez entrar para o crime.

Em outro grupo inventivo um adolescente disse ter sido colocado para fora de casa pela mãe após ela descobrir seu envolvimento com o tráfico de drogas e desde então mora sozinho.

Os relatos de pretender sair de casa para morar com outras pessoas ou sozinho, ou de já ter saído de casa, são falas que aconteceram em diferentes grupos e com um número considerável de adolescentes. Inclusive uma adolescente em outro grupo coloca que não tem contato com a família e já sofreu muita coisa por essa distância.

Muitas vezes a própria casa e os familiares não são reconhecidos como espaços de acolhimento para esses jovens e precisam recorrer a outros espaços, como a casa da família extensa, em alguns casos, os acolhimentos institucionais, ou até mesmo a rua.

Também houve uma adolescente de outro grupo inventivo que disse de uma briga que estava tendo com a irmã na qual pegou a irmã pelo pescoço e a mãe tenta separá-las e, diante disso, pega uma faca para matar a mãe. Sai correndo na rua atrás da mãe. E após alguns dias acaba sendo acautelada em uma unidade socioeducativa.

Em nenhum desses casos houve o relato de atendimento e suporte pelo Conselho Tutelar ou de outros dispositivos específicos de acompanhamento e atendimento às famílias. Um dos jovens do curso de preparação para o vestibular destacou a necessidade de maior preparação dos conselheiros tutelares porque muitas intervenções são equivocadas. E o lugar que destacam como apoio é a escola.

Cunha (et. al., 2015, p. 103) vai dizer que algumas soluções que esses adolescentes encontram podem representar perguntas desesperadas sobre o sentido da vida e o valor dela para si e para o Outro. E a falta de um Outro que forneça um suporte pode fazê-los se lançar no vazio com um maior risco para eles. Segundo as autoras, essas “condutas de risco são ritos íntimos de contrabando que visam fabricar sentido para viver” (Cunha, et.al., 2015, p.105).

Alguns adolescentes recorrerão a uma forma mais radical de resposta a não-relação e a uma forma de se estabelecer no mundo através da passagem ao ato.

Lacadeé (2010, p.35) vai dizer que o objeto a, que é o real inassimilável pelo simbólico, será a causa dos sofrimentos atuais dos adolescentes por ele estar relacionado a pulsão, pois será a causa do desejo, que pedirá cada vez mais liberdade e levará ao sujeito a assunção de riscos imperativos e a uma vontade obscura de gozar ainda mais a vida. E haverá uma tensão, pois, a própria linguagem limita o gozo, então a cultura limitará a natureza e isso fará com que o sujeito fique entre consentir com os semblantes e o ser autêntico, entre o Ideal e o que do objeto a é tomado na pulsão.

O autor (2010, p.36) ainda aponta que a queda da identificação fálica confronta o adolescente ao corpo na sua dimensão pulsional, no lugar de um objeto a. É considerado uma mancha negra, pois é uma parte do adolescente que denigre seu próprio ser, colocando-o em risco.

Lacadeé (2010, p. 36) também falará da importância da passagem ao ato para a adolescência, pois é através do ato que o adolescente tentará inscrever a parte de real ligada ao objeto a. “É a partir daí que se verifica a recrudescência das passagens ao ato, como tentativa de se correlacionar ao objeto a e de ser dar um nome de gozo (toxicômono, delinquente, etc...)”

A passagem ao ato, como apontado por Lacadeé (2010, pag. 43), ao mesmo tempo que rompe com a inscrição do significante no campo do Outro, também serve de saída ao impasse da relação com o Outro, “o que se experimenta como um impossível de dizer”.

Contribuindo com o que é apontado por Lacadée, Capanema vai dizer que;

O ato aparece como uma solução cada vez mais recorrente nessa época em que o Outro é tão inconsistente. O adolescente, diante do excedente de gozo despertado no encontro com o real e não dispondo do recurso ao Outro do simbólico, pode descobrir, como solução, a passagem ao ato. A passagem ao ato é esse desligamento radical do Outro; contrariamente ao *acting out* que vem no lugar de um dizer, ela é um “eu não quero dizer”, promovendo uma separação radical com o Outro, indiferente ao futuro e colocando em jogo o seu ser, abandonando a dúvida para chegar a uma certeza. São atos que não possuem, aparentemente, uma causa, pois se conjugam com o objeto *a*, objeto inassimilável pelo significante, com o que, do real, faz buraco no simbólico. (CAPANEMA, 2009, p. 70)

### 3. CONCLUSÃO

Concluimos com esse estudo, que há diferenças na escuta dos adolescentes realizada pelos dispositivos, sugerindo que alguns dispositivos não conseguem escutar o singular desses adolescentes sobre os motivos que os levaram a adotar saídas arriscadas. Também é possível encontrar diferenças nas soluções apontadas pelos adolescentes aos conflitos familiares e as soluções adotadas pelos dispositivos como medidas protetivas aplicadas aos adolescentes, não havendo uma correspondência das respostas dadas pelos dispositivos e do saber do adolescente frente ao que lhe afeta. Desse modo, as respostas apresentadas pelos dispositivos não correspondem ao desejado pelos adolescentes como resposta aos conflitos familiares.

Nos grupos inventivos, assim como nos dispositivos que apoiam as famílias, percebe-se que a escuta do adolescente permitirá uma maior aproximação do entendimento do comportamento de risco adotado pelo adolescente, pois ele detém o saber do que o afeta e qual a melhor saída para a sua situação e assim possibilitará uma melhor aplicação da medida protetiva, considerando ações mais efetivas no sentido de proteger o adolescente que está sofrendo violência, como explicitado no caso atendido pelo Conselho Tutelar. Ademais, a escuta poderá auxiliar o adolescente a encontrar saídas que não o coloquem em risco, podendo passar pela adolescência de outro jeito.

Anterior a adoção de comportamentos de risco pelo adolescente, ele vivencia violências e conflitos em sua casa para os quais não possui recursos simbólicos para enfrentá-los e então esses comportamentos se apresentam como uma saída para lidar com essa angústia, o que aponta a necessidade de pensar em intervenções e ações dos dispositivos de acolhimento à família mais efetivas nos conflitos familiares no sentido de auxiliar o adolescente e sua família. Os dispositivos, como os serviços de assistência social, os centros de saúde e, principalmente, a escola, que já é vista como ponto de apoio, poderão servir como pontos de apoio para esses adolescentes na passagem pela adolescência.

Ressalta-se, assim, a importância de realização de pesquisas mais aprofundadas afim de entender quais aspectos podem dificultar a realização dessa escuta pelos dispositivos. E também para podermos compreender qual o fazer e quais dispositivos conseguem escutar o adolescente.

Desse modo, a partir desse estudo o poder público poderá propor para aqueles serviços ou órgãos que podem ser vistos enquanto dispositivos, no sentido de ser um lugar de mudanças, um lugar que faz furo no real, e, por isso, conseguem realizar a escuta singular do adolescente, capacitações no intuito de que a dimensão singular apareça como preponderante para se traçar os acompanhamentos aos adolescentes e suas famílias, pois, como apontado por Cunha (et. al., 2015, p. 103.), “acolher quem acompanha o adolescente, quem vive com ele, é um

desdobramento do acolhimento do próprio adolescente”. E a escuta pode ser esse lugar de acolhimento do adolescente e sua família e de seus saberes frente aos conflitos.

### Referências Bibliográficas

BARROSO, Suzana Faleiro. A família contemporânea e o real do sexo. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais - Almanaque On-line, [s. l.], n. 19, p. 1-7, 10 maio 2017. Disponível em: <http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2017/07/09-Suzana-Faleiro-Barroso-PDF.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88\\_EC105\\_livro.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf)> Acesso em 28 de novembro de 2023.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90 de 13/07.1990. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021\\_](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_) Acesso em 28/11/2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. Brasília, DF: CONANDA, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional\\_direitocriancas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_direitocriancas.pdf)> Acesso em 13/02/2023

BRASIL. Secretaria Nacional de Assistência Social. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília, DF: 2009

CAPANEMA, Carla Almeida. As modalidades do ato e sua singularidade na adolescência. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CHECCHIA, Marcelo Amorim. A clínica psicanalítica é um dispositivo? A peste, São Paulo, v. 2, ed. 1, p. 89-100, jan/jun 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Win7/Downloads/12060-Texto%20do%20artigo-28934-1-10-20121012%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Win7/Downloads/12060-Texto%20do%20artigo-28934-1-10-20121012%20(2).pdf). Acesso em: 28 jul. 2024.

COUTO, Margarete Pires. O fracasso escolar e a família: O que a clínica ensina. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CUNHA, Cristiane; ARANHA, Mariana; PENNA, Paula. “Entre o sorvete e o namoro”: Adolescência, uma delicada transição. In: GUERRA, Andréa et al. (orgs.). Violência, território, família e adolescência: Contribuições para a Política de Assistência Social. Belo Horizonte: Scriptum, 2015.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: \_\_\_\_\_. Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7)

LACADÉE, Philippe. Bem dizer: A Clínica da língua e do ato nos adolescentes. In: ARTEIRA. 3. ed. Santa Catarina: Escola Brasileira de Psicanálise de Santa Catarina, 2010.

Projeto de Pesquisa: Janela da Escuta e a adolescência: a tessitura de uma rede de cuidado no

Estado de Minas Gerais – adolescentes e redes de saúde na perspectiva dos jovens. Apoio: FAPEMIG – APQ 00762-22.

SONIA, Alberti. O adolescente e o Outro. 3. ed. Rio De Janeiro, Brasil: Zahar, 2010. 77 p. ISBN 978-85-7110-776-2.

STEVENS, Alexandre. Adolescência, sintoma e puberdade: Clínica do contemporâneo. Les Feuillettes Du Cortil, Mars, n. 15, p. 79-92, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Universidade Federal de Minas Gerais Direitos de crianças e adolescentes: Diagnóstico no município de Belo Horizonte – Minas Gerais. Cristiane de Freitas Cunha Grillo; Levindo Diniz Carvalho; Valéria Cristina de Oliveira; Ludmila Ribeiro; Maria Fernanda Salcedo Repolês; André Luiz Freitas Dias (coordenação). Belo Horizonte, 2024.